

A ARTE DO SABER, DO FAZER, DO TECER: O ARTESANATO EM NOVA IGUAÇU (RJ) NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA CRIATIVA

THE ART OF KNOWLEDGE, MAKING & WEAVING: HANDCRAFTS IN NOVA IGUAÇU (RJ) FROM CREATIVE ECONOMY PERSPECTIVE

SANDRO DOS REIS ANDRADE

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA - CEFET/RJ

WLADMIR HENRIQUES MOTTA

CEFET-RJ

TERESA CRISTINA DE MEDEIROS MENDONÇA

URSULA GOMES ROSA MARUYAMA

CEFET-RJ

Comunicação:

O XIII SINGEP foi realizado em conjunto com a 13th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge), em formato híbrido, com sede presencial na UNINOVE - Universidade Nove de Julho, no Brasil.

A ARTE DO SABER, DO FAZER, DO TECER: O ARTESANATO EM NOVA IGUAÇU (RJ) NA PERSPECTIVA DA ECONOMIA CRIATIVA

Objetivo do estudo

identificar elementos ligados à Economia Criativa nos produtos e processos produtivos dos participantes das feiras organizadas pela Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (Fenig)

Relevância/originalidade

A Economia Criativa, tem como base o conhecimento e a inovação, carrega em seu bojo a criatividade e valor simbólico, distribuídas nas áreas de artes visuais, patrimônio cultural, criações funcionais. Esse artesanato está presente no tecido socioeconômico da cidade Nova Iguaçu-RJ.

Metodologia/abordagem

Pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, a partir de revisão da literatura, pesquisa documental e de campo orientada por observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Principais resultados

O artesanato, além de estar ligado as produções simbólicas e a cultura local, está baseado na criatividade, ao mesmo tempo pode contribuir com práticas sustentáveis.

Contribuições teóricas/metodológicas

a economia criativa e o artesanato podem caminhar juntos na promoção do desenvolvimento humano, social e cultural. Enquanto atividade econômica, o artesanato pode contribuir para o desenvolvimento local, atuando também como fonte de renda.

Contribuições sociais/para a gestão

A importância do artesanato para a cidade de Nova Iguaçu, que através do Programa Municipal de Artesanato, promove o trabalho dos artesão através das feiras de artesanato espalhadas pela cidade e eventos

Palavras-chave: Economia Criativa, Ecossistema, Empreendedorismo, Políticas Públicas, Artesanato de Nova Iguaçu-RJ

THE ART OF KNOWLEDGE, MAKING & WEAVING: HANDCRAFTS IN NOVA IGUAÇU (RJ) FROM CREATIVE ECONOMY PERSPECTIVE

Study purpose

identify elements linked to Creative Economy in fairs organized by Nova Iguaçu Educational and Cultural Foundation fairs.

Relevance / originality

Creative Economy, based on knowledge and innovation, carries within its core creativity and symbolic value, distributed across the visual arts, cultural heritage, and functional creations. Handcraft is present in Nova Iguaçu socioeconomic fabric.

Methodology / approach

Qualitative research, exploratory and descriptive in nature, based on literature review, documentary and field research guided by participant observation and semi-structured interviews.

Main results

Crafts, in addition to being linked to symbolic productions and local culture, are based on creativity and can also contribute to sustainable practices.

Theoretical / methodological contributions

Creative economy and handcrafts can work together to promote human, social, and cultural development. As an economic activity, handcrafts can contribute to local development and also serve as a source of income.

Social / management contributions

Handcraft importance for Nova Iguaçu city, which through Municipal Crafts Program, promotes artisan's work through craft fairs throughout the city.

Keywords: Creative Economy, Ecossystem, Entrepreneurship, Public Policy, Nova Iguaçu-RJ Handcrafts

A ARTE DO SABER, DO FAZER, DO TECER: ECONOMIA CRIATIVA NO ARTESANATO EM NOVA IGUAÇU (RJ)

1 Introdução

O artesanato, uma das primeiras manifestações de arte produzidas pelo ser humano, nasceu com a necessidade de o homem primitivo construir seus próprios instrumentos para sobrevivência, como vestuários, artefatos para caça, utensílios domésticos, vestimentas (Rodrigues, 2012). Este está ligado às manifestações culturais de um povo, sendo uma arte que é passada entre gerações e se perpetua ao longo da história, sendo responsável pelo desenvolvimento local e regional (Unctad, 2010, p. 38), e contribui efetivamente com o Produto Interno Bruto (PIB) de diversos países.

Na busca desenfreada pelo crescimento e desenvolvimento econômico ao longo dos anos, o planeta sofre as consequências do grande hiato que se criou em razão do uso incessante dos recursos naturais. Dessa forma, precisamos encontrar meios que busquem um novo conceito de desenvolvimento, onde possa haver distribuição de renda, qualidade de vida, preservação do ambiente e acesso à saúde, educação, lazer, cultura e trabalho digno (Souza, 2022, p. 17).

Frente a esse novo modelo econômico, a Economia Criativa abarca setores que têm na identidade cultural e valor simbólico, fatores determinantes para o desenvolvimento da atividade, como o artesanato. A Economia Criativa, que se estabelece como um novo arranjo produtivo, tem como base o conhecimento e a inovação, carrega em seu bojo a criatividade e valor simbólico, sendo estes fatores determinantes de suas indústrias criativas, que estão distribuídas nas áreas de artes visuais, patrimônio cultural, criações funcionais (Unctad, 2010, p. 7).

Enquanto atividade econômica na cidade de Nova Iguaçu, o artesanato está presente no tecido socioeconômico da cidade, onde são expostos os trabalhos dos artesãos nos 13 polos distribuídos através do Programa Municipal de Artesanato, chamado de PMANI. A atividade, atualmente, é bastante difundida na cidade, também responsável pelo seu desenvolvimento econômico.

Partindo das inspirações teóricas e da importância das feiras de artesanato como fator de desenvolvimento local e inclusão no mercado de trabalho, incluindo os mecanismos que podem favorecer o protagonismo e autonomia dos artesãos, essa pesquisa parte da seguinte questão: Como o artesanato e a Economia Criativa podem contribuir para a geração de emprego e renda e o aumento dos benefícios socioeconômicos para a cidade de Nova Iguaçu?

O objetivo geral da pesquisa é identificar elementos ligados à Economia Criativa nos produtos e processos produtivos dos participantes das feiras organizadas pela Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (Fenig), incluídas no Programa Municipal de Artesanato de Nova Iguaçu.

Para Feitosa Filho (2019), a Economia Criativa pode gerar impacto positivo no meio ambiente, através das produções ligadas ao intangível, como artesanato, pintura, artes, trabalhos manuais, além de produções audiovisuais, marketing, contribuindo para o fortalecimento da cultura local, sentido de pertencimento e de identidade local. De acordo com Reyes Jr et al (2018), a Economia Criativa se caracteriza pelo uso de recursos intangíveis como representações simbólicas, incluindo experiência e conhecimento, que em grande parte é passado entre gerações. Dessa forma, contribui com o saber e o fazer passado por gerações, aliado às teorias de desenvolvimento eficaz e sustentável.

2 **Economia Criativa: Elementos Conceituais e Políticas Públicas**

Howkins (2001), precursor do conceito, defendia que a criatividade poderia ser algo transformado em produto, criando marcas, patentes e direitos autorais e, transformando-os em dinheiro. A Economia Criativa surge a partir das duas últimas décadas como um modelo de desenvolvimento que une a criatividade e o conhecimento, estando alicerçada a aspectos econômicos, culturais e sociais através da propriedade intelectual de seus agentes (UNCTAD, 2010). Sendo assim, contribui para o desenvolvimento, movimentando a economia e gerando empregos (Fathurahman & Huseini, 2018; Howkins, 2001).

Ainda que a primeira experiência com a Economia Criativa tenha sua origem na Austrália, na década de 1990, foi na Inglaterra que o termo ganhou ares de profissionalização, através de um plano estratégico criado pelo governo britânico, que teve como resultado o mapeamento dos setores criativos da Economia (Cohen et al., 2008).

Como resultado, foram feitos investimentos pelo governo em setores-chave, como: arquitetura, artesanato, artes performáticas, atividades relacionadas às tradições culturais, cinema, design, design de moda, galerias, indústria editorial, música, publicidade, rádio, software, softwares interativos para lazer (Department for Culture, Media and Sport, 2001).

O debate em torno da Economia Criativa como perspectiva de desenvolvimento econômico se inicia a partir de autores como Sen (2010), Furtado (2008), Veiga e Zatz (2008). Segundo estes autores, somente o crescimento econômico não é suficiente para gerar desenvolvimento utilizando como único indicador o Produto Interno Bruto (PIB), para mensurar o desenvolvimento de países.

Com base neste conceito, Veiga e Zatz (2008) pontuam que com a constatação da insuficiência do PIB como indicador social, em 1990, é criado o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) pelo economista paquistanês Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen. O IDH surge como proposta de transferir o foco no crescimento econômico, ou renda, para o ser humano, considerando como indicadores de desenvolvimento além da renda, a saúde e a educação.

Ortiz (2021) sinaliza que a originalidade, os processos criativos e a geração de valor econômico a partir de aspectos intangíveis se apresentam como o enfoque principal da Economia Criativa, estimulando a geração de empregos e o desenvolvimento de produtos. A cadeia produtiva é formada pelas etapas de produção, criação e distribuição de bens e serviços, ganham forças e usam a criatividade como força propulsora no processo de produção. A Economia Criativa é, desta forma, impulsionada por estratégias que aumentem a sua visibilidade, incluindo o compartilhamento de ideias, a criatividade e/ou inovação, trabalhos em redes e equipes e o empreendedorismo.

O Relatório Creative Economy Outlook de 2022 da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) mostra a relevância da Economia Criativa no crescimento social, econômico e político de 33 países pesquisados no estudo. A contribuição dos setores cultural e criativo no cenário econômico, em 2020, representa algo em torno de 3,1% do PIB mundial e geraram 6,2% do total de empregos no mundo, o que representa 50 milhões de postos de trabalho (UNCTAD, 2022).

Portanto, para Souza (2022) o capital criativo, que está baseado na capacidade do ser humano em criar coisas novas ou transformá-la em algo mensurável, surge da produção de bens e matérias primas como forma de interpretar o mundo.

2.1. *Indústrias criativas como conceito de expansão*

O termo indústrias criativas teve origem no pós-guerra como uma crítica ao entretenimento de massa, pontuada pela Escola de Frankfurt. Naquela época, a indústria cultural, composta pelos jornais, filmes, revistas e músicas populares, tinham a intenção de chocar, criando polêmicas e desdém às formas de entretenimento das massas (Carey, 1992). A Inglaterra criou o seu primeiro plano estratégico no ano de 1997, mapeando os setores de Economia Criativa, ganhando ares de profissionalização (Cohen et al., 2008).

Ao reconhecer o potencial da Economia Criativa e a capacidade da geração de renda a partir das classes criativas, o governo britânico passou a dar ênfase em segmentos com maior potencial de acúmulo de capital na forma de direitos de propriedade intelectual. Holkins (2012) aponta em suas pesquisas, que a partir de então, surge a "moeda" como valor de troca para a Economia Criativa.

Um ponto alto na introdução das indústrias criativas no cenário econômico e de desenvolvimento internacional foi a XI Conferência Ministerial da UNCTAD, em 2004, em São Paulo, onde foi realizado o *Workshop on Cultural Entrepreneurship on Creative Industries*. Nesta conferência foi ratificado o conceito de criatividade pelos setores vinculados às indústrias criativas, incluindo a contribuição econômica na produção de produtos simbólicos visando um maior mercado possível.

A abordagem da UNCTAD em torno das indústrias criativas se fundamenta na ampliação do conceito de criatividade, passando do lugar de atividades que possuem componente artístico, alcançando quaisquer atividades econômicas visando valores simbólicos para o alcance de mercados possíveis (Unctad, 2018). A relação entre esses agentes sociais e os conceitos de conhecimento em teorias que são abordadas (bairros, cidades, classes, clusters criativos) são apropriados pelos agentes políticos para a formulação de políticas públicas na área de Economia Criativa (MINC, 2010, p. 38).

A UNCTAD classifica as atividades das indústrias criativas em dois grupos: (i) “atividades *upstream*” (fluxo inicial de um projeto), que abrangem atividades culturais tradicionais, como artes cênicas e visuais; (ii) “atividades *downstream*” (fase de execução do projeto), que têm uma maior aproximação com o mercado, como publicidade, editoras ou atividades.

Conforme a definição UNCTAD para as indústrias criativas, as atividades abrangem etapas que incluem a produção e distribuição de produtos ou serviços que utilizam a criatividade como um de seus pilares, incluindo a propriedade intelectual e atividades baseadas em conhecimento, como a produção de artes com conteúdo criativo, obtendo valores econômicos e objetivos de mercado, ao mesmo tempo estão envolvidos entre os setores de serviço, artístico e industrial, constituindo um novo setor no comércio mundial.

Corroborando com tais afirmações, a Economia criativa e as indústrias criativas fazem parte de uma categoria que fornece e produz bens e serviços e tem a capacidade de potencializar o cenário social e econômico local e regional.

De acordo com o Relatório Economia Criativa (MINC, 2010, p. 7), a UNCTAD classifica as indústrias criativas em quatro grandes grupos, a saber: artes, criações funcionais, mídia e patrimônio (figura 1). Esses grupos são subdivididos em nove subgrupos, conforme identificado na figura a seguir:

Figura 1- Classificação da UNCTAD para as Indústrias Criativas



Fonte: Elaboração própria.

Conforme as definições abordadas pela UNCTAD (2010), as atividades que estão inseridas dentro da cadeia das indústrias criativas são as seguintes:

- *Patrimônio*: O patrimônio cultural abrange todas as formas de arte das indústrias cultural e criativa. Ele une os aspectos culturais de determinado local pelo ponto de vista histórico, social, étnico, estético e antropológico, influenciando a criatividade dando origem a produtos e serviços, além de atividades culturais. Esse grupo é dividido em dois subgrupos:
- *Expressões culturais tradicionais*: atividades que incluem artesanato, festivais, celebrações; Locais culturais: bibliotecas, exposições, museus, sítios arqueológicos, etc.
- *Artes visuais*: antiguidades, esculturas, fotografia, pinturas; e
- *Artes cênicas*: circo, dança, música ao vivo, ópera, teatro de fantoches, etc.
- *Mídias*: grupo destinado a produção de conteúdo criativo como forma de estabelecer comunicação com grandes públicos. Este grupo se divide em dois subgrupos:
 - *Editoras e mídias impressas*: onde se incluem imprensa, livros e outras publicações;
 - *Audiovisuais*: filmes, rádio, televisão e demais radiodifusores.
- *Criações funcionais*: Este grupo se caracteriza pela criação de produtos que possuam fins funcionais, impulsionados pela demanda e prestação de serviços.
 - *Design*: brinquedos, gráfico, joalheria, moda;
 - *Nova mídias*: conteúdo digital criativos, software, videogames;
 - *Serviços criativos*: arquitetônico, cultural e recreativo, pesquisa e desenvolvimento (P&D) criativo, publicidade.

É importante ressaltar que, na abordagem apresentada, a UNCTAD mostra a relevância entre a criatividade e o conhecimento para a produção de serviços criativos, onde a tecnologia, as políticas governamentais e o capital social se mostram como partes intrínsecas deste processo. Existe um debate em torno dos termos de ciência e P&D, se estes podem ser considerados dentro do escopo das atividades de experimentação criativa. Nesta abordagem proposta pela UNCTAD (2010), a criatividade e o conhecimento podem ser incorporados como criações científicas e/ou criações artísticas.

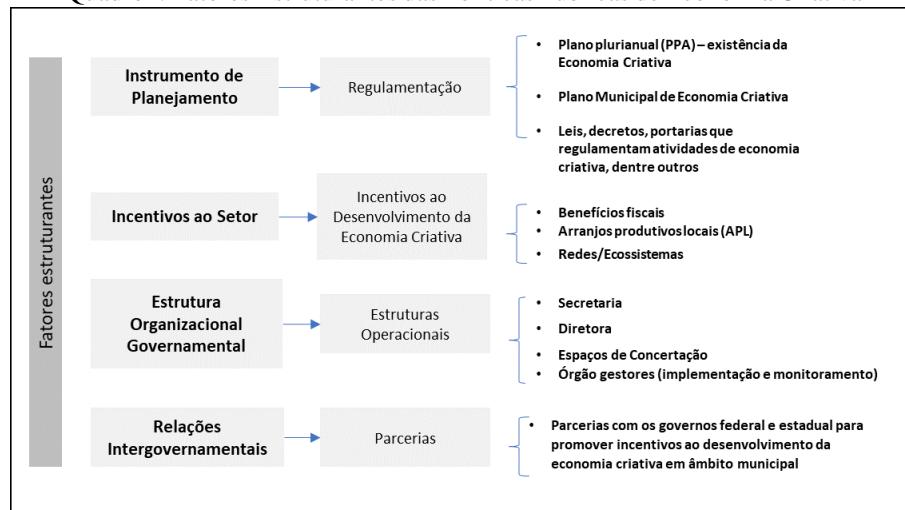
2.2 Políticas públicas na Economia Criativa

O governo tem um importante papel na formulação de políticas com o objetivo de atender às demandas sociais, econômicas, políticas e ambientais. O papel econômico do Estado é elaborar intervenções que promovam: a distribuição eficiente dos recursos na economia, o pleno emprego, a estabilidade econômica e equilíbrio externo e a equidade na distribuição de renda e riqueza (MINC, 2010, p. 209).

A partir da formulação de políticas e das experiências desenvolvidas é feita uma avaliação dos indicadores dos processos e o resultado dessas políticas para a sociedade. Segundo Aguiar (2018), o processo de formulação de políticas públicas envolve conceitos como: (i) Especificação dos objetivos; (ii) Escolha dos instrumentos; (iii) Implementação, monitoramento e avaliação.

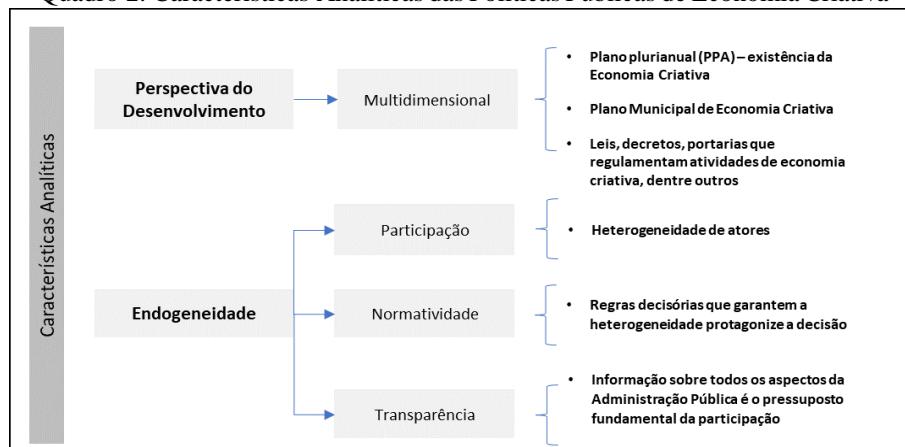
O autor apresenta um cenário onde analisa as características sobre a implementação de políticas públicas por dois pontos de vista: (a) "fatores estruturantes", definindo a eficiência, o significado, a parte técnica na formulação de políticas públicas (quadro 1); (b) "categorias analíticas", definindo análises, métrica, abrangência das políticas públicas em desenvolvimento, a ética (quadro 2).

Quadro 1. Fatores Estruturantes das Políticas Públicas de Economia Criativa



Fonte: Adaptado de Aguiar (2018) e Souza (2022, p. 48).

Quadro 2. Características Analíticas das Políticas Públicas de Economia Criativa



Fonte: Adaptado de Aguiar (2018) e Souza (2022, p. 48).

A verificação dessas estruturas permite avaliar o potencial da classe criativa em um ambiente seguro e propício. O conjunto das políticas tem o objetivo de manter um ambiente socioeconômico favorável, garantindo parcerias e a produção de novos produtos e serviços, criando um ambiente participativo, organização sólida e contribuindo para o desenvolvimento local.

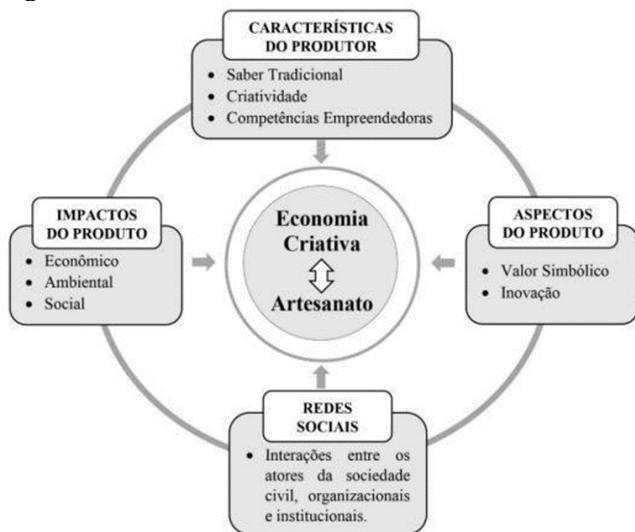
3 Economia Criativa e Artesanato: a Arte do Saber, do Fazer e do Tecer

O artesanato é uma das expressões mais antigas da humanidade, desde que o ser humano passou a confeccionar, de forma manual, objetos, ferramentas e artefatos para utilizá-los em seu cotidiano (Rodrigues, 2012). Desta forma, em seu instinto mais primitivo, passa a transformar pedras, ossos, madeiras e fibras naturais em objetos e ferramentas com a finalidade de auxiliar na sua subsistência e bem-estar, seja na alimentação através da caça, pesca e armazenamento, como na transformação em vestuário e construção de espaços para habitação (Ferreira, 2012).

A partir do Art. 4º da Portaria nº 29, de 05 de outubro de 2010, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior institui o conceito de artesanato, como aquele que “compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui *valor simbólico* e *identidade cultural*), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios”.

O artesanato está fortemente ligado à expressão cultural de um grupo ou local, daí a classificação junto ao grupo de “patrimônio cultural”, de acordo com a UNCTAD. O fazer artesanal é responsável por “manter a tradição local e fortalecer a cultura da região” (Severo, 2023, p. 26) e seu valor se expressa culturalmente, podendo desta forma, gerar valor econômico para o artesão. Conforme o estudo de Braz (2023), alguns elementos semelhantes na literatura que fazem interface entre o artesanato e a economia criativa, conforme apresentado na Figura 2.

Figura 2 – Elementos do Artesanato e da Economia Criativa



Fonte: Braz (2023, p. 72)

Por outro lado, a economia criativa busca gerar valor através do conhecimento, transformando-o em recursos que se renovam e se multiplicam, visto que a criatividade é algo infinito e inerente do ser humano, e esta pode ser considerada uma nova forma de produção

(Rani & Wulandari, 2018). Nos últimos anos tem crescido o interesse da sociedade “por produtos baseados na criatividade e produção simbólica” (Braz, 2023, p. 46), o que faz com que a economia criativa contribua para o desenvolvimento destes profissionais criativos.

Autores como Howkins (2001); Reyes Jr et al (2012) defendem que as indústrias criativas impactam a economia com sua forma peculiar na produção de bens criativos, gerando impactos positivos e significação social. Sendo assim, a indústria criativa do artesanato se destaca pela capacidade de envolver o saber entre gerações, conectando habilidades únicas e mantendo tradições (Khaire, 2019); ela tem sido responsável por criar mecanismos e atividades laborais frente ao sistema dominante (Jones, Van-Ascshe & Parkins, 2021).

Entre as características que podem ser atribuídas aos produtores artesanais, a habilidade manual e o saber tradicional são “fatores determinantes para que uma peça ou artefato possa ser produzido” (Braz, 2023, p.72). A cultura é repassada como um “símbolo ou código de significados” (Braz, 2023, p. 72), manifestado pelo sentimento de pertencimento e identidade local (Prempree, Chantachon & Wannajun, 2014; Friel, 2020). Dessa forma, a criatividade dos artesãos está atribuída ao sentido do próprio trabalho artesanal (Braz, 2023, p. 73), onde ganham forma e sentido.

4 Metodologia

Prodanov e Freitas (2013, p. 24) afirmam que o método é parte de um processo que devemos utilizar na investigação. A abordagem adotada nessa pesquisa é qualitativa de natureza exploratória. Assim, na pesquisa qualitativa, o pesquisador se envolve em questões técnicas e procedimentos, que tem o objetivo de descrever, traduzir e analisar fenômenos e situações do mundo real (Merriam & Tisdell, 2016; Gil; 2019). Enquanto Creswell (2013) apoia-se na teoria de que o pesquisador, para ter essa interação necessita ter contato com informantes, onde vai buscar os significados para as respostas do estudo.

De forma complementar, para Michel (2015) a observação é uma técnica que tem o objetivo de coletar informações acerca de determinados aspectos da realidade, examinando fatos ou fenômenos sociais; se constitui como um ponto de partida da investigação social. Enquanto para Gil (2019), é por meio da entrevista que é possível fazer a coleta de dados, investigar várias possibilidades e tendências de comportamentos.

Portanto, a partir da análise sobre processos metodológicos, a metodologia adotada nesta pesquisa é de base qualitativa, tem como ferramentas a pesquisa bibliográfica, documental, de natureza exploratória e descritiva. O desenvolvimento da pesquisa de campo foi orientado pela observação e entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram gravadas e se encontram disponíveis na biblioteca da instituição. Destaca-se, assim, que a base não está na quantidade de entrevistados, mas sim em uma importância, relevância e significância para atender aos objetivos desta pesquisa.

5. Tecendo saberes em Nova Iguaçu

A Economia Criativa, que tem em sua base a intrínseca relação com a cultura e suas variáveis, traz para o debate o desenvolvimento local, a inovação, o desenvolvimento econômico e social, contribuindo para que agentes locais possam usufruir de modelos de negócios voltados às práticas sustentáveis (Nascimento, 2012).

No que tange a cidade de Nova Iguaçu, a economia criativa é abordada no Plano Municipal de Cultura, ao qual através da Lei nº 4.563/2015, institui o Sistema Municipal de Cultura. Na referida Lei, são destacados trechos que remetem à dimensão da economia da Cultura, atribuindo ao Poder Público Municipal promover o desenvolvimento da Cultura local, destacando sua importância para a promoção social e redução das desigualdades (Prefeitura Nova Iguaçu, 2015).

Nesse sentido, reforça-se o papel regulador do Poder Público Municipal nas estratégias de formulação de políticas públicas que vão de encontro ao interesse da sociedade, garantindo a produção de bens e serviços que vão alimentar a cadeia produtiva e o desenvolvimento local. Frente a esse desafio, recomenda-se que os gestores criem estratégias eficazes para o desenvolvimento de uma economia baseada na criatividade, na inovação e que promova a inclusão social.

A integração entre as indústrias culturais locais, as indústrias criativas e a salvaguarda do patrimônio como estratégias para se atingir o desenvolvimento econômico sustentável, colocando em uma mesma arena o patrimônio imaterial, a economia criativa e o desenvolvimento econômico. Trazendo para as discussões e ações locais em Nova Iguaçu, evidenciando a estratégia do município em proteger o patrimônio material e imaterial, foi criado o Decreto Municipal nº 11.074 de 15 de setembro de 2017, ao qual destaca a importância dada ao município na preservação do seu patrimônio histórico, tanto material, quanto imaterial.

O Conselho Municipal de Políticas Culturais (CMPC) realizou debates junto a organizações e sociedade civil nas Conferências Municipais de Cultura para a formulação de ações e metas que promovam a cultura pelos próximos dez anos. A economia criativa está destacada nas diretrizes do Plano Municipal de Cultura (2015, p. 46):

- A Cultura como política de Estado;
- A Cultura como elemento de construção de valores simbólicos e de desenvolvimento econômico e social;
- A valorização da gestão democrática e descentralizada das ações e recursos;
- A valorização da diversidade e o reconhecimento da existência de múltiplas culturas no interior de uma mesma sociedade;
- O desenvolvimento da Economia Criativa no Município;
- A formação continuada dos artistas e agentes culturais;
- Ações permanentes de fomento à Cultura no Município.

Apesar das grandes contribuições que levem ao desenvolvimento de uma agenda que favoreça a criatividade, a inovação, a inclusão social e o fortalecimento da atividade cultural local, o município não dispõe de uma Secretaria de Economia Criativa, que pudesse atuar na gestão e visibilidade da temática, promovendo o fortalecimento das atividades ligadas às indústrias culturais e criativas e o intercâmbio com os órgãos estaduais e federais na formulação de políticas públicas para fomentar os setores e atores envolvidos.

5.1 As feiras como espaços de produção de saberes

As feiras contribuem para o desenvolvimento local, seja em termos econômicos, sociais, culturais e urbanos, envolvendo diversos atores, entre públicos e privados, expositores e/ou vendedores, com o propósito de atingir um público-alvo: o consumidor (Yoshioka, 2022, p. 38). Ao mesmo tempo contribui para o desenvolvimento sustentável, inclusivo e igualitário, pois em um só evento ou mostra, pode receber um público variado e diverso.

De acordo com o Sebrae (2020) as feiras representam cerca de 30% da produção de riqueza do país e criaram aproximadamente, 13,5 milhões de empregos. Estas, apesar do seu sentido principal, que é o de atingir o público para venda de produtos e serviços, se transformam em espaços de sociabilidade, contribuindo para as trocas culturais e fortalecendo a identidade local.

À luz das questões abordadas, entendemos que as feiras se apresentam como uma nova forma de produção vinculada a valores éticos e/ou novo modelo de desenvolvimento, ao mesmo tempo ressaltam o fortalecimento da comunidade e o saber popular. Após a delimitação do tema de pesquisa, teve início as investigações acerca do artesanato, para que pudesse ter uma aproximação maior com a atividade e os atores que fazem parte do processo. Em seguida, um mapeamento local para conhecer de perto cada um desses atores.

Quanto ao perfil dos entrevistados, buscou-se uma variedade de artesãos com diferentes especialidades de técnicas, como: bijuterias sustentáveis, cerâmica, decupagem, marcenaria criativa, reciclagem com papeis-jornais-revistas, papel vegetal e ecocartonagem, papel marchê, transformações de tecidos têxteis e *upcycling*. Para atingir o objetivo das entrevistas, procurou-se visitar feiras ou eventos onde houvesse exposições, a fim de levar ao encontro dos artesãos que trabalham com produtos ligados a Economia Criativa.

A primeira visita ocorreu em março de 2024 numa mostra da TurisRio (Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro). O roteiro de exploração dos espaços utilizados pelos artesãos compreendeu: (i) Feira da Praça Rui Barbosa; (ii) Feira Multicultural do Tinguá; (iii) Polo da Praça Antônia Flores; (iv) Feira de Artesanato do Nova Iguaçu Top Shopping; (v) Polo da Praça da Liberdade (PMANI).

Além disso, no dia 13 de junho de 2024, feriado de Santo Antônio, padroeiro da cidade de Nova Iguaçu, foi realizada uma visita na festa que acontece anualmente na cidade. Neste ano o evento aconteceu na rua e contou com cerca de 150 barracas, com opções de gastronomia, shows, bebidas, artesanato. Os artesãos cadastrados no PMANI puderam expor seus produtos durante o evento, que aconteceu entre 8 e 13 de junho ao longo da Avenida Amaral Peixoto e da Travessa Mariano de Moura. A partir de inserção no campo do pesquisador, tendo contato com as feiras e artesãos, foi feito o mapeamento e contato com atores potenciais para realização das entrevistas.

6 Resultados & Discussões

O Programa Municipal de Artesanato de Nova Iguaçu (PMANI) tem, entre suas atribuições, incentivar o artesanato local, contribuindo para a valorização do artesão e o produto decorrente do seu trabalho; contribuindo para a resolução de problemas como o desemprego, criando formas de se manter no mercado através do empreendedorismo e colaborando para mitigar os impactos ambientais por meio do artesanato sustentável.

O PMANI possui atualmente 2.349 artesãos cadastrados (Fenig, 2024), divididos entre ativos e inativos e atua como facilitador entre o artesanato e o artesão; as inscrições para novos artesãos são abertas anualmente, entre os meses de março e abril, permanecendo abertas por 2 meses. Todo o processo de inscrição, avaliação e entrega da carteira do artesão pode variar de 6 a 8 meses. O PMANI atualmente possui 13 polos, distribuídos entre os diversos bairros da cidade, incluindo praças e shoppings. O PMANI promove vários benefícios aos artesãos cadastrados, tais como capacitação através de cursos, oficinas e atividades com o objetivo do desenvolvimento profissional, além de técnicas de empreendedorismo.

Além disso, são concedidos descontos aos artesãos cadastrados no programa, para compra de materiais em lojas especializadas e credenciadas, ao qual podem ser acessados no site da Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (Fenig). A Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (Fenig) foi criada pela Lei nº 30 de 28 de novembro de 1975 e instituída pelo Decreto nº 1.475 de 05 de janeiro de 1976 (PMNI). A Fenig tem personalidade jurídica de direito público, com autonomia administrativa e financeira; é uma autarquia agregada à Secretaria de Cultura.

Figura 3 – Produção e *locus* de trabalho dos entrevistados E1-E8



Fonte: Acervo autores (2024-2025).

Ao longo do ano, são proporcionadas atividades de lazer, estimulando as relações interpessoais e o desenvolvimento social. A Fenig também realiza, desde o ano de 2021, a entrega do Prêmio Destaque Iguaçuano, como reconhecimento às diversas categorias que estimulam o desenvolvimento local. Considerando as informações coletadas em entrevista com o coordenador de artesanato da Fenig (realizada em abril/2024), buscou-se compreender como esses 2.349 artesãos estão distribuídos, obtendo-se o seguinte cenário:

- *Gênero*: 95% mulheres; 5% homens;
- *Étnico-racial*: 45% pardos; 32% brancos; 20% negros; 1% indígena; 0,5% amarelos;
- *Distribuição de artesãos por Região*: 31% no Centro; 16% em Comendador Soares; 13,5% na Posse; 10% em Austin; 9,5% em Cabuçu; 7,5% em Miguel Couto; 4,5% no 'Km 32' e 1% em Tinguá.
- *Categoria profissional*: 24% dos artesãos cadastrados no Programa Municipal de Artesanato Nova Iguaçu (PMANI) possuem carteira do PAB (Programa de Artesanato Brasileiro), 19% são MEI (Microempreendedor Individual), (Coordenador, 2024) e 10% dos artesãos cadastrados no programa trabalham com produtos voltados à sustentabilidade.

A partir da análise sobre o perfil socioeconômico, conclui-se que a grande maioria dos artesãos (57%) estão incluídos na faixa de renda entre 1 a 3 salário mínimos, aproximadamente 33% com faixa de renda abaixo do salário mínimo, enquanto 7% ganham de 3 a 5 salários mínimos e 1% ganha entre 5 e 10 salários mínimos. Estes baixos percentuais, 33% e 57%, respectivamente, com faixa de menos de 1 salário a 3 salários mínimos, denotam a necessidade de políticas públicas de apoio e desenvolvimento da atividade artesanal, aumentando o seu potencial frente ao mercado, ao mesmo tempo criando oportunidades de geração de renda para os artesãos. Convém destacar a inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais (PCD) ao programa, contribuindo com a acessibilidade e dignidade a estes cidadãos.

Já a entrevista com nove artesãos, buscou analisar três categorias-chave: (i) *Negócio* (características do trabalho); (ii) *Desenvolvimento de Produto* (processo de criação); (iii) *Artesanato e Economia Criativa* (Desenvolvimento Local e Inclusivo).

6.1 Descobrindo o Negócio da Economia Criativa

Por exemplo, a declaração da entrevistada 1 (E1) ajudou a compreender um pouco do trabalho que desenvolvem, em que ao iniciar um negócio, seja participando de feiras ou eventos ou mesmo de forma autônoma, eles não estavam preocupados apenas na obtenção de renda, mas também em demonstrar valores em que acreditavam conforme destacado na literatura por (Yoshioka, 2022, p. 28). Enquanto a entrevistada 2 (E2) relata como desenvolveu sua criatividade, e como esta está presente no seu cotidiano “Bom....a criatividade nasce do dia-a-dia, no quintal da minha casa...eu aproveito os materiais de que preciso, que são as formas da natureza, uma folha, argila, uma peça que possa transformar em uma peça de cerâmica”.

A entrevistada 3 (E3) entende que a criatividade se desenvolve a partir do olhar, da observação de outros elementos, até se transformarem em arte. Já para o entrevistado 4 (E4), o processo criativo voltado ao negócio nasce do que consegue pegar do que é descartado pela maioria das pessoas, como madeira, caixotes, palhetes. O processo criativo da entrevistada 5 (E5), parte do prazer em criar peças únicas, com propósito e que tenha valor de impacto, que carregue simbolismo e que contribua com o meio ambiente.

Nas palavras da entrevistada 6 (E6), a criatividade pode ser entendida como algo espiritual, mas também é um processo que vai se construindo ao longo do tempo, com atualizações e pesquisas: “De onde vem essa criatividade? De onde vem esse *insight*? É um processo que vai sendo construído. Isso. Das várias experiências que eu tive, você quando dá aula, você não ensina. Você também aprende. Sim, é uma troca.” No processo criativo da entrevistada 7 (E7), após a classificação das peças recebidas vão sendo determinadas as criações:

Aí quando chega lá em casa, o que a gente faz? Abre o saco, aí veja qual o tamanho dos tecidos e a gente já vai direcionando. Não, esse daqui é pra eco bag, esse é pra *necessaire*. [...]. Aí a gente já separa, aí daquilo ali a gente já vê, ó, a gente tem feira daqui a um mês. Poxa, então a gente já vai se preparando, já vai marcando.

O processo de criatividade surgiu para a entrevistada 8 (E8) ao passar por momentos de fragilidade emocional: ao procurar apoio, foi indicada a fazer atividades ligadas à arte, encontrando no artesanato sua paixão. Finalmente, para a entrevistada 9 (E9) o processo criativo foi desenvolvido a partir da criação de uma pequena comunidade que realiza coleta de resíduos, transformando em diversos tipos de materiais: “lembrei daquela matéria-prima que era jogada fora e eu comecei coletar”.

6.2 Desenvolvimento de Produto na Economia Criativa

O mundo vive um processo de transformação de valores, com o aumento na procura por produtos que expressem alguma identidade cultural e contribuam para diminuir os impactos no meio ambiente. De acordo com estudo do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae, 2004), os produtos industrializados e sem valor simbólico não atraem mais a sociedade, fazendo dos produtos artesanais algo mais valorizado. Por este motivo, aumenta a necessidade de uma maior produção pelos artesãos, dedicando maior tempo para suprir a demanda. Na declaração de E1 podemos identificar que, apesar do aumento na produção das peças, a necessidade de atualização é constante:

[...] aí eu fui melhorando a qualidade e tudo. Não deixei de trabalhar. Fui melhorando a qualidade, melhorando a qualidade, até que eu me desafiei. [...] gosta, eu vi uma pedra.

Se eu não me engano, eu acho que foi a turquesa. Falei, eu acho que eu consigo imitar ela. O formato, a cor, os detalhes, acho que eu consigo. E consegui. Fiz um colar.

Para E2, pode-se entender que, dependendo do material trabalhado, o desenvolvimento do produto pode demandar um tempo maior para estar totalmente pronta. Enquanto E3 relata como desenvolve sua produção a partir do que seria descartado, transformando-os em objetos que carregam simbolismo: “Os produtos são garrafas, são de vidro, vidros de conserva, latinhas, latinhas de bebida, né? E refrigerante. [...] Então, esses materiais, tanto as garrafas, os vidros, eles se transformam em materiais para decoração”.

E4 nos apresenta como é feita a produção do seu trabalho, onde e como consegue os materiais utilizados: “eu tento adequar o material que encontrei com o meu trabalho. [...]. eu encontrei um tronco de árvore, eu levei para a minha casa, serrei em bolachas e fiz o relógio. Mas o material fácil que a gente sempre encontra é o material de *pallet*, material de sucata de cama”. E5 destaca sobre a qualidade de seus produtos “Tem coisas minhas que eu deixo cair até a água, mas não estraga. Eu boto no sol, na janela, rapidinho, seca, porque eu utilizo materiais bons. Não uso qualquer coisa.” Por outro lado, E6 nos informa como é feito o processo de produção de suas peças:

Então eu procuro reaproveitar o máximo possível. Capa de caderno, os papéis que a gente joga fora aqui mesmo. Capa de caderno, embalagens, calendário velho. E o papel que a gente recicla. E nesse papel, alguma parte eu faço o papel artesanal mesmo. Porque tem uma diferença do artesanal para o artesanal reciclado. O reciclado é você pegar aquela cartolina ali, rasgar e fazer uma folha nova. E transformar em alguma coisa. E o artesanal é feito manualmente, mas é das fibras. Bagaço de cana, coroa de abacaxi. Fibras naturais. E no papel reciclado artesanal, a gente também pode adicionar fibras.

No relato de E7, é informado como é separado as peças que são recebidas para serem transformadas em materiais de consumo: “[...] pra feira a gente vai ver quais são as estampas mais ou menos que vão ser desejos, porque como a gente já trabalha com isso há muito tempo, então a gente já sabe mais ou menos qual vai ser as estampas queridinhas quando lançar”. No processo de transformação das peças relatada pela artesã, é utilizada a técnica artesanal *upcycling*, de customização e reciclagem de peças que vem ganhando o mercado nos últimos anos como uma tendência de moda, e que ao mesmo tempo contribui com a redução do descarte de produtos no ambiente.

O processo de transformação inclui o reaproveitamento de materiais, em grande parte resíduos de fábricas que seriam descartados, em uma nova peça ou objeto. De acordo com Brugnara (2022, p. 36), o *upcycling* remete ao conceito de transformação, tal como era feito pelos “antigos”, só não tinha uma denominação específica, onde o processo de reciclagem colabora para ressignificar peças que teriam como destino o descarte. E8 relata como é o processo de acabamento de suas peças, que passam por diferentes processos até finalizar o acabamento: “o papel machê, a gente tem uma coisa que eu falo que é... Precisa ter paciência. Porque ele precisa secar. Então, a gente faz uma camada, espera secar. Faz outra camada, espera secar. E aí, por conta disso, às vezes algumas coisas ficam inacabadas durante um tempo.”

Nas falas das entrevistadas 2, 8 e 9, é possível entender que, dependendo do material utilizado para fabricação dos produtos, o tempo e o modo de preparo podem variar, pois além de ser um processo minucioso, requer a experiência da pessoa que o produz. Todavia, na fala do entrevistado 4, a produção é feita através do que consegue recolher do que é descartado no ambiente. Caminhando nessa direção, buscamos a reflexão de Santana (2021, p. 33), de que o

objeto artesanal carrega em si a singularidade e o domínio de produção, ao mesmo tempo que reproduz da cultura local através dos objetos produzidos pelos artesãos.

6.3 Artesanato e Economia Criativa

O artesanato, enquanto processo produtivo, contribui para o desenvolvimento local, além de promover a cultura e a identidade regional. Desta forma, indo de encontro ao conceito adotado por Vargas & Fialho (2019, p. 193), de que a produção artesanal está ligada ao campo das manifestações culturais, através da confecção e comercialização de bens simbólicos. Durante as entrevistas, uma das perguntas feitas aos artesãos participantes da pesquisa, foi entender por quanto tempo trabalham com artesanato e porque o artesanato surgiu na vida de cada um. Para E1, o artesanato surgiu a partir da relação entre mãe e filha. Assim como a arte passada entre gerações de E7 em relação ao caminho levado ao artesanato, uma das características marcantes entre os atores que se dedicam a essa forma de produção. Já E2 informa que descobriu o artesanato através de um curso livre, depois de ficar desempregada na época da pandemia e pela dificuldade de recolocação no mercado de trabalho:

Eu trabalhava com RH, fiquei desempregada e, como não consegui recolocação no mercado de trabalho, tive que me reinventar. Eu aprendi na igreja a fazer bonecas de pano...então descobri na minha igreja um curso de artesanato pela IFRJ, coloca aí... IFRJ, campus Belford Roxo. Então eu me inscrevi no curso Técnicas de Artesanato e, durante as aulas, descobri a arte da transformação através da cerâmica. Foi amor à primeira vista. hoje, faço artesanato por amor e profissão.

Na experiência de E3, o artesanato se desenvolveu através da terapia, após a perda de entes queridos e para tratamento de saúde. Assim como para E4, o artesanato funcionou como uma válvula de escape em um momento de saúde delicada “[...] eu estava muito chateado, estava meio deprimido, e aí foi quando eu comecei a fazer o artesanato. E aí eu me entreguei ali legal, entendeu? Então, eu gosto, sabe? Me dá uma satisfação muito grande. O artesanato, para mim, é muito importante.” De forma análoga para E8, auxiliou na sua recuperação da saúde:

Desde 2019. Foi 2019 que eu entrei pro artesanato. Então, eu fazia engenharia de produção lá no CETET, né? E aí, na época, desenvolvi Síndrome do Pânico, né? [...] no IFRJ, né, eu comecei a fazer artesanato. eu comecei a fazer artesanato. E foi quando eu te falei, né, não tem como não se apaixonar. E aí, eu comecei a me encantar...Ela abriu uma oportunidade de uma bolsa de pesquisa na área de narrativas. E eu sou muito apaixonada por contar histórias da cidade de Nova Iguaçu. E aí, eu comecei a fazer essa narrativa, esse estudo com ela. [...] no começo eu queria saber o porquê que elas eram tão movidas pelo artesanato. E eu ficava assim, gente, como que pode, né? O pessoal é apaixonado pelo que faz. Não é só fazer, é ser apaixonado pelo que faz. E aí, eu comecei a fazer, comecei a gostar muito.

Na fala de E6, a descoberta no artesanato surgiu de conciliar o uso de materiais que já trabalhava em suas aulas: “eu caí de paraquedas no artesanato quando eu fui embora daqui para Lagoas e lá eu virei professora de cartonagem de um programa federal que era de empoderamento de mulheres o Programa Federal chama-se Mulheres Mil.”

Na fala da entrevistada 9, o artesanato surgiu em sua vida por necessidade e falta de oportunidade no mercado de trabalho formal em função de sua idade, o chamado etarismo:

Trabalho com artesanato desde 2009...No começo, por falta de opção. Me vi desempregada, como eu te falei, era nova pra me aposentar e velha pra trabalhar. [...] comecei fazendo conserto de roupa por necessidade, porque eu não tinha nenhuma renda e depois eu lembrei daqueles resíduos que as empresas jogavam fora e comecei a

buscar. Hoje eu faço por prazer. Nunca tinha trabalhado com artesanato. Foi a minha primeira aproximação com artesanato. Trabalhar com reciclagem de tecido.

Como evidenciado nas falas acima, pode-se entender os diversos motivos que levaram os entrevistados ao caminho da produção artesanal. Desde as falas das entrevistadas 2, 5 e 9, que seguiram por este caminho por necessidade, passando pelas falas dos entrevistados 3 e 4 e 8, que chegaram até o artesanato através na busca da cura emocional ou fazer algo diferente, que o distraísse. Nesse sentido, recorremos ao conceito adotado por Florida (2011, p.7), de que a classe criativa tem grande contribuição para o desenvolvimento, pois utiliza a criatividade em suas produções, produzindo crescimento social e econômico.

Portanto, a partir da análise dos resultados das entrevistas, é possível inferir que o Programa de Artesanato de Nova Iguaçu, aqui nomeado como PMANI, se insere nesta concepção de políticas públicas aplicadas em questões como geração de emprego e renda, proporcionando aos artesãos uma maior oportunidade frente ao mercado de trabalho; desenvolvimento local, contribuindo economicamente com a arrecadação da cidade; além das questões ambientais, pois o artesanato pode contribuir com o desenvolvimento sustentável.

7 Considerações Finais

A Economia Criativa entra para o debate como uma possível via de desenvolvimento da sociedade pós-industrial, surgindo da articulação de segmentos interconectados e interdependentes, com produção voltada a um determinado fim. No campo do mercado, ela surge a partir do desenvolvimento de produtos que envolvem o capital humano, intelectual e que possuem identidade e/ou inovação.

O Brasil é um dos países que mais avançam na participação do setor criativo na economia, onde as indústrias criativas possuem um grande espaço para ampliação de seus serviços e produtos, corroborando com o desenvolvimento local, econômico e sustentável.

À luz dos conceitos apresentados, entendemos que a economia criativa e o artesanato podem caminhar juntos na promoção do desenvolvimento humano, social e cultural. Enquanto atividade econômica, o artesanato pode contribuir para o desenvolvimento local, atuando também como fonte de renda para o artesão. No caso de Nova Iguaçu, ainda que a cidade não tenha uma Secretaria de Economia criativa, ainda é possível expandir o mercado criativo com investimentos no setor, melhoria na infraestrutura local, fomento a pequenos e médios negócios, implementando políticas públicas que favoreçam os negócios e reduzam a informalidade.

Apresenta-se como contribuição desse trabalho, a reflexão sobre o ofício dos artesãos participantes nas feiras de artesanato e economia criativa promovidas pela Fundação Educacional e Cultural de Nova Iguaçu (Fenig) na cidade de Nova Iguaçu, enfatizando sua importância como um novo campo da economia, a contribuição para a inclusão social e no mercado de trabalho, para o desenvolvimento econômico e social, para a promoção da sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável. Assim, um agradecimento àqueles que se dedicam a arte do saber, do fazer e do tecer, pois o artesanato é uma forma de resistência e inovação.

Referências

Aguiar, R. B. (2018) Economia criativa e desenvolvimento: uma análise a partir dos fatores estruturantes de políticas públicas municipais em Porto Alegre (RS), São José dos Campos (SP) e Ananindeua (PA). **Dissertação** (Mestrado em Políticas Públicas). Porto Alegre: UFRGS.

- Braz, J. L. (2023) Interfaces entre economia criativa e artesanato: da teoria à prática. **Dissertação** (Mestrado em Administração). Paraíba: UFCG.
- Brugnara, L. (2022) **Moda e Sustentabilidade: Estudo e inserção do processo de upcycling no curso de bacharelado em Design de Moda do CEFET- MG/ Câmpus Divinópolis.** TCC.
- Carey, J. (1992) **The Intellectual and the Masses.** Londres: Faber, 1992.
- Cohen, R. et al. (2008) Defining the creative economy: industry and occupational approaches. **Economic Development Quarterly, Cleveland**, v. 22, n. 1, p. 24-45, 2008.
- Creswell, J. W. (2013) **Research design:** Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches (4 ed.). London: Sage Publications, 2013.
- DCMS. (2001) Department for Culture, Media, and Sport. **Creative industries mapping documents.** London: DCMS.
- Fathurahman, H.; Huseini, M. (2018) Mapping of regional economic potential based on creative economy to support creation of regional competitiveness, **KnE Social Sciences**, Vol. 3 No. 10, p. 310-332.
- Feitosa Filho, J. C. (2019) A economia criativa e a factibilidade do viver sustentável: a cultura da sustentabilidade ambiental na cadeia produtiva do babaçu, estado do Maranhão. **Dissertação de Mestrado.** Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.
- Ferreira JR., A.; Bittar, M. (2012) Artes liberais e ofícios mecânicos nos colégios jesuíticos do Brasil colonial. **Rev. Bras. Educ.**, v. 17, n. 51, p. 693- 716.
- Florida, R. (2011) **A ascensão da classe criativa.** Porto Alegre: L&PM.
- Friel, M. (2020) Crafts in the Contemporary Creative Economy. **Aisthesis**, v.13, n.1, pp.83- 90.
- Furtado, C. (2008) **Criatividade e dependência na civilização industrial.** São Paulo: Companhia das Letras.
- Gil, A. C. (2019) **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas.
- Howkins, J. (2012) **Economia criativa:** como ganhar dinheiro com ideias criativas. São Paulo: M. Books.
- Howkins, J. (2001) **The creative economy:** How people make many from ideas. Londres.
- Jones, E. K., Van Assche, K., & Parkins, J. R. (2021) Reimagining craft for community development. **Local Environment**, v.26, n.7, pp.908-920.
- Khaire, M. (2019) Entrepreneurship by Design: The Construction of Meanings and Markets for Cultural Craft Goods. **Innovation**, v.2, n.1, pp.13–32.
- Merriam, S. B.; Tisdell, E. J. (2016) **Qualitative Research** A guide to Design and Implementation. Forth ed. San Francisco, CA: John Wiley & Sons.
- Michel, M. H. (2015) **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais:** um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3. ed. São Paulo: GEN/Atlas.
- MINC. (2012) **Relatório de Economia Criativa**, 2010: Economia criativa, uma opção de desenvolvimento. Brasília: Secretaria da Economia Criativa/MINC. São Paulo: Itaú Cultural.
- Nascimento, E. P. (2012) Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos Avançados** [online], v. 26, n.74, pp. 51- 64.
- Ortiz, Felipe Chibáz. (2021) **Criatividade, inovação e empreendedorismo** [recurso eletrônico]: startups empresas digitais na economia criativa. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2021.
- Prefeitura Nova Iguaçu. (2015) **Nova Iguaçu já tem lei que ajuda a organizar cultura no município.** Publicado em 03/12/2015. Disponível em: <https://www.novaiguacu.rj.gov.br/>
- Prefeitura Nova Iguaçu. (2015) **Plano Municipal de Cultura.** Nova Iguaçu-RJ.
- Prempee, A., Chantachon, S., & Wannajun, S. (2014) The integration of traditional knowledge in the design and development mudmee, prawa and yok tong silk products for enhancing Community economy. **Indian Journal of Traditional Knowledge**, vol. 13 (2), pp. 305-312.

- Prodanov, C.; Freitas, E. C. de. (2013) **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- Rani, M., & Wulandari, D. (2018) The Development of Creative Economy: Case Study of Jodipan Colorful Village in Malang. **Econ. Dev. Anal. J.** v.7, pp.322–329.
- Reyes Jr, E.; Dias, F.; Gomes, R. (2018) A economia criativa sob a ótica das redes sociais dos produtores culturais de Brasília. **Rev. Ciênc. Admin., Foltaleza**, v. 24, n. 3.
- Reyes Jr, E., Gonçalo, C. R., Brandão, C. N. (2012) Mapeando as relações sociais em aglomerados de empresas. **REDES - Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales**, v.23, n.6, p.178-201.
- Rodrigues, W. (2012) Arte ou artesanato? Artes sem preconceitos em um mundo globalizado. **Cultura Visual**, 18, p.85–95. TCC de Administração. Universidade Federal do Amazonas.
- Santana, M. F. (2020) Trajetória do artesanato brasileiro: perspectivas das políticas públicas. **Dissertação**. Mestrado em Design. Universidade de Brasília.
- Sebrae. (2020) **Atualização de estudo sobre participação de micro e pequenas empresas na economia nacional**. Brasília: SEBRAE: FGV.
- Sebrae. (2004). **Termo de referência: atuação do sistema SEBRAE no artesanato**. Brasília: Sebrae, 2004.
- Sen, A. (2010) **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia das Letras.
- Severo, C. (2023) Indústria Criativa do Artesanato e as Relações de Consumo em um Ambiente de Economia Solidária. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação e Economia Criativa). Bagé-RS: UFP, 2023.
- Souza, P.H. (2022) Marciano de. As contribuições da economia e indústria criativa para o desenvolvimento sustentável. **Dissertação** (Mestrado em Sustentabilidade) Centro de Economia e Administração, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Unctad. (2022) United Nations Conference on Trade and Development. **Creative Economy**. Geneva: United Nations.
- Unctad. (2018) United Nations Conference on Trade and Development. **Creative Economy Outlook: trends in international trade in creative industries 2002- 2015**. Country profiles 2005-2014. Geneva: United Nations.
- Unctad. (2010) United Nations Conference on Trade and Development. **Creative Economy Report 2010: creative economy: a feasible development option**. Geneva: United Nations.
- Vargas, D.; Fialho, M. (2019) Artesanato, Identidade Cultural e Mercado Simbólico: dinâmica da Vila Progresso em Caçapava do Sul- RS. **Desenvolvimento Em Questão**, v.17, n.49, pp. 191–208.
- Veiga, J.; Zatz, L. (2008) **Desenvolvimento Sustentável**. Que bicho é esse? Campinas: Autores Associados, 2008.
- Yoshioka, A.P. (2022) A RolêFeira em Araraquara (SP): trabalho criativo, empreendedorismo e movimento social. **Dissertação**. (Ciências Sociais) São Paulo: UFSCar.